

DESAFIOS DA BIOÉTICA NA ATUALIDADE

Leo Pessini é padre Camiliano, catarinense de Joaçaba, mas reside e trabalha em São Paulo há muitos anos. Doutor em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção/SP, Pós-Graduado e Pós-Doutor em Clínica Pastoral Education and Bioethics pelo St. Luke's Medical Center, em Milwaukee/EUA. Professor no Programa de Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado em Bioética do Centro Universitário São Camilo/SP. Ele também é membro da Comissão Técnico-Científica da Pastoral da Saúde da CNBB e membro da equipe de apoio da Pastoral da Saúde no Departamento de Justiça e Solidariedade do CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano). Trabalha nessa área há 29 anos e atualmente é Provincial dos Camilianos no Brasil, presidente de todas as organizações camilianas brasileiras e autor de vários livros, dentre eles "Bioética em tempo de incertezas", publicado pelas Edições Loyola.

**O que entender por bioética?**

Em termos simples, a bioética é um brado pela dignidade humana e por mais qualidade de vida. Quem cunhou este neologismo, foi um pesquisador norte americano na área de oncologia Van Rensselaer Potter em 1971, quando publicou o livro "Bioética: ponte para o futuro (Bioethics: bridge to the future)". Nesta obra, Potter define a bioética como sendo a "ciência da sobrevivência humana", como sendo uma nova ciência ética que combina humildade, responsabilidade e competência interdisciplinar, intercultural e que potencializa o senso de humanidade. Pesquisas recentes na

área nos trazem uma novidade em relação a origem do neologismo "bioethics". Temos que recuar na história e encontrar em 1927, na Alemanha, Fritz Jahr, pastor protestante, filósofo e educador, que publicou um artigo no periódico científico *Kosmos*, intitulado: "Bioética: uma revisão do relacionamento ético dos humanos em relação aos animais e plantas". Claro que a bioética como um movimento cultural de sensibilidade ética, de resgate dos valores humanos no contexto de uma cultura e civilização sempre mais marcada pela tecnocracia, se implanta nos EUA nos anos 70. Nos anos 80 expande-se para a Europa, nos

anos 90 para a América Latina, Brasil e alguns países da Ásia e África.

Quais as principais questões que a bioética discute hoje?

A partir da própria compreensão da palavra bioética - a ciência da vida - trata-se de refletir sobre os valores humanos, ou seja, tudo que afeta a vida humana e do planeta. São questões da bioética desde o primeiro instante da vida, como o genoma, a célula-tronco, a recriação da vida, a questões do desenvolvimento vital, como saúde e pesquisa em seres humanos. Também as questões ligadas ao final da vida,

1.4 Paróquias & CASAS RELIGIOSAS

www.revistaparoquias.com.br | janeiro-fevereiro 2011

dentro de um contexto mais tecnológico, como o morrer com dignidade e paz. Reflete-se sobre a eutanásia, a distanásia e o transplante. São também questões da bioética as ligadas à ecologia. Assim, abrange o ser humano, a vida humana especificamente, a vida cósmica e a ecológica.

Ciência combina com a fé?

Olhando para a história ocidental assistimos a uma longa história de conflitos entre ciência e fé. Uma concorrendo ou até negando a outra e gente morrendo na fogueira. Estamos em um momento feliz de busca de convivência respeitosa. Sintoma disso são duas afirmações, uma de Albert Einstein, que disse: "A ciência sem religião é parálitica; a religião sem a ciência é cega". Outra é de João Paulo II ao afirmar que "a ciência pode purificar a religião do erro e da superstição. A religião pode purificar a ciência da idolatria e do falso absolutismo". Precisamos elaborar uma "ciência com consciência" como diria Edgar Morin.

O que pode ser organizado nas paróquias, para uma reflexão em relação à bioética?

Podem ser realizados *workshops*, cursos de reciclagem, formação permanente, cine-fórum muito apreciado pelos jovens, entre outras atividades com a participação da comunidade.

De que modo a Igreja Católica participa dessas questões mais urgentes da bioética?

A Igreja sempre prestou muita atenção no sentido de cuidar e de preservar a vida humana, desde o instante inicial - a fecundação - até o instante da morte natural. A criação da Pontifícia Academia para a Vida e da Pontifícia Academia das Ciências, no Vaticano, vão mexer com essas questões. Na última assembleia da CNBB, os bispos, ao falarem da Evangelização e Missão Profética, estudaram as questões éticas decorrentes da bioética. É a missão da Igreja de formar o povo, à luz dos valores cristãos, para cuidar do dom precioso da vida. Os currículos dos cursos de Teologia e as

reciclagens do clero abordam esse tema, para que se possa estabelecer o diálogo com o mundo científico.

Quais os principais desafios que a bioética apresenta à Teologia Moral hoje?

São inúmeros, mas destacaria especificamente duas áreas urgentes. A Teologia Moral necessita da capacidade de diálogo com o mundo científico e não se fechar em si mesma. Nessa capacidade de diálogo com a tecnocracia, a Teologia Moral não pode abrir mão dos seus valores fundamentais. De outro lado, o pensar da bioética não pode acontecer sem levar em conta os valores da fé do povo. Esse encontro tem que ser de diálogo e respeito. E esse diálogo é um grande desafio nessa área.

Como lidar cotidianamente com questões como a vida e a morte?

É necessário que façamos um ato de fé e esperança em um futuro melhor para a humanidade. Lidar com a vida e torná-la melhor, mais linda, feliz e sem sofrimentos acredito que seja o desafio maior confiando por Deus a nós humanos. Enfrentar a morte antes do tempo, causada pela violência, exclusão, para além da indignação temos que nos comprometer solidariamente com os mais vulneráveis. O morrer indigno nos fala do viver indigno. Nossa luta é de possibilitarmos o desenvolvimento da potencialidade máxima da vida, avançando na longevidade para só então depois disso nos despedir da vida com dignidade e elegância.

E em relação às questões relacionadas com a eutanásia e a distanásia?

Como fomos ajudados para nascer, precisamos também ser ajudados para morrer. Ser ajudado para morrer não significa que devamos abreviar, ou cortar a vida (eutanásia). Precisamos cuidar do sofrimento nas suas diferentes dimensões, tais como a dimensão física, psíquica, social e espiritual. No outro extremo podemos prolongar a agonia, a dor e o sofrimento, distanciando a morte. Isto também é conde-

nável. Nem abreviar, nem prolongar a vida indevidamente, mas cuidar do sofrimento e enfrentando o final com serenidade. É isto que a filosofia dos cuidados paliativos garante e que vem sendo implantada em muitas instituições brasileiras, particularmente no sul do Brasil também (ex. Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Hospital Taquini de Bento Gonçalves no atendimento domiciliar).

Em um país como o Brasil, o que deveria ser criado em laboratório?

Temos necessidades básicas ainda não atendidas enquanto dispomos de alta tecnologia também. A produção de medicamentos genéricos, de baixo custo e de qualidade é algo que precisa avançar. A pesquisa é muito cara, pois exige tecnologia e investimentos vultosos. As prioridades aqui precisam ser feitas em função do maior número de pessoas que serão beneficiadas.

Depois do mapeamento do genoma humano, o que mais vem por aí?

Sem dúvida na caixa de surpresas temos muitas novidades sendo anunciadas. Existem esperanças de cura para milhares de doenças genéticas que infirmizam a humanidade e por outro lado existem inquietações entre outras o desafio da discriminação, entre outras. Já fomos discriminados ao longo da história por causa de religião, cor e ideologia, e agora corremos o risco de sermos discriminados por causa de nossa herança genética. Existem planos de saúde no país que começam a exigir testes genéticos para cobrar mais ou, então, discriminação nas oportunidades no mercado de trabalho. Saberemos que ficaremos doentes antes de sê-lo, a partir do estudo das predisposições genéticas (medicina preditiva). O empregador não vai contratar quem vai ficar doente logo, pois isto é um prejuízo. Precisaremos novas leis de proteção da dignidade humana nesta área. Nesse sentido, a UNESCO aprovou em fins de 1997 a Carta Universal do Genoma Humano e Direitos Humanos e que diz que o ser humano não deve ser discriminado a partir de sua herança genética. ■